

**SBS - XIV Congresso Brasileiro de Sociologia**  
**28 a 31 de julho de 2009, UFRJ, Rio de Janeiro (RJ)**

GT 16: Questão Urbana

Sessão: Requalificações na Cena Urbana

Título do Trabalho: ***A Sociabilidade nas Práticas Boêmias dos Bares de Fortaleza***

Autora: Daniele Costa da Silva – UFC

[danileta@hotmail.com](mailto:danileta@hotmail.com)

## A Sociabilidade nas Práticas Boêmias dos Bares de Fortaleza

Daniele Costa da Silva - UFC

### Resumo

O intuito do trabalho consiste em elaborar uma reflexão sobre as formas e redes de sociabilidade nas práticas boêmias dos bares da cidade de Fortaleza, e seus desafios, passeando pelas sugestivas análises de Simmel, Balman e Benjamin. A partir do contraponto suscitado pela cidade enquanto espaço de repulsa e atração, abordamos experiências e formas atuais de sociabilidade estabelecidas no “mundo da rua”, ou seja, nos espaços públicos dos bares. Afinal, as cidades, lócus do medo do desconhecido e dos estranhos, são também possibilidades de encontros diversos, os quais encontram no flunar pelos bares a vivência de práticas e sentidos que podem remeter a valores tais como a amizade, a negação das marcações sociais e a permanência, frente à fluidez das relações. Assim, buscamos compreender essas práticas e o que estas revelam sobre o prazer e a dor de viver a cidade e seus espaços públicos.

### Primeiras palavras

*A cidade pode ser o anonimato ou a liberdade, a promoção social ou a ambição, o reencontro e o amor, o pecado e a penitência, é o talvez e certamente o certo, é a vida como a morte, é um e outro, é a pirueta, a insolência, a desapareição. Cortina! É o teatro da vida e o simulacro. É a sombra e as divagações. É o lugar da verdade nua. (Thierry Paquot,)*

O relato de Canevacci (1993) acerca de sua sensação ao chegar pela primeira vez à cidade de São Paulo, em pleno carnaval de 1984, e o sentimento de solidão e angústia que experimenta em meio à multidão - na qual só havia desconhecidos - confere um interessante quadro para se pensar as formas de viver a grande cidade, a sociabilidade na metrópole. Habitado a percorrer Roma, sua cidade natal, em longas caminhadas, o autor decidiu “errar” por São Paulo, sabendo da impossibilidade de conhecê-la em um simples caminhar. Assemelha-se à personagem de Benjamin (2007), o *flâneur*, a qual perambulava pelas ruas de Paris, no Séc. XIX, como se passagens fossem. O *flâneur* não se prende às estruturas sociais, ao tempo, aos espaços. Ele passeia, flana pela cidade e a observa como um estranho, como uma alegoria. De acordo com as palavras de Benjamin:

Uma embriaguez apodera-se daquele que, por um longo tempo, caminha a esmo pelas ruas. A cada passo, o andar adquire um poder crescente; as seduções das lojas, dos bistrôs e das mulheres sorridentes vão diminuindo, cada vez mais irresistível torna-se o magnetismo da próxima esquina, de uma longínqua massa de folhagem, de um nome de rua (op. cit. p. 462)

Essas considerações iniciais sobre a vida na metrópole encontram, como sugere a epígrafe de abertura do artigo, um contraponto revelador das práticas urbanas. Ao mesmo tempo em que sugere e possibilita o confronto com o desconhecido e o medo que isso possa acarretar, a cidade é a possibilidade dos encontros, das descobertas, da liberdade proporcionada pelo anonimato. A mobilidade e a diversidade promovidas pelos confrontos diários de pessoas, atividades, objetos e os múltiplos usos do espaço dizem respeito a oportunidades variadas de convivência e sentidos. Logo - ainda que suscite o anonimato, a distância e o medo - a possibilidade de encontros, casuais ou planejados, compõe a vida no espaço urbano. Fato notado não somente no dia-a-dia das rotinas de trabalho, mas nas atividades dedicadas ao lazer, tais como aquelas que se desenrolam nos bares da cidade, espaços onde se tecem importantes redes de sociabilidade.

Assim como o percurso do *flâneur* de Benjamin, percorreremos, no presente artigo, alguns espaços boêmios da cidade de Fortaleza, destacadamente seus velhos bares, no intuito de elaborar uma reflexão sobre as formas e redes de sociabilidade da boemia na metrópole, e seus desafios, passeando pelas sugestivas análises de Georg Simmel, Zygmunt Bauman e do próprio Walter Benjamin.

### **Viver na/a cidade - entre o prazer e a dor, a desafiadora arte da convivência.**

Vivemos em cidades. Muitas vezes em grandes aglomerados urbanos. O processo de urbanização é uma característica marcante do nosso tempo. Processo que ganha mudanças profundas com a chamada globalização ou internacionalização da economia, características do sistema capitalista. De acordo com Bauman (2005) a instabilidade provocada pela crise do Estado de

Bem-Estar e pela reestruturação produtiva, promovidas pela Globalização, tem conseqüências funestas sobre a vida das pessoas. Segundo o autor, tendo como referência a realidade européia, passamos de uma modernidade sólida para uma modernidade líquida. Os referenciais de estabilidade e segurança pautados na confiança nas instituições sociais, típicos da modernidade sólida, são substituídos por valores tais como o individualismo e a fluidez. Temos maior liberdade, mas, ao mesmo tempo, nos sentimos mais abandonados. Para Bauman,

Se a proteção disponível e os benefícios a que acedemos não atingem o grau ideal, se a vida de relação não nos satisfaz, se as instituições não são como deveriam ser (ou como cremos que poderiam ser), é provável que comecemos a suspeitar da existência de intrigas e conspirações hostis, de todo tipo de conjuras urdidas por inimigos ocultos. (op. cit. p. 11)

Essa sensação de insegurança encontra sua face no medo e seu espaço na cidade. Medo esse que impõe barreiras entre seus habitantes. As atitudes de intolerância e o abismo cada vez maior entre dois mundos distintos - o dos que se integram ao processo de globalização econômica e daqueles a quem só resta correr e evitar ficar para trás ou tornar-se uma “classe perigosa” ou descartável - encontram na cidade posturas de exclusão e segregação evidenciadas na formação de condomínios fechados, nos carros blindados e na “arquitetura do medo”. Agudizam-se as polarizações e desigualdades e a incomunicação entre os “diferentes” passa a compor as formas de viver nas cidades. Medo do indigente, do estranho, do delinqüente.

No caso brasileiro, a urbanização acentua-se a partir dos anos 50 do século passado, acompanhando a industrialização do país, com toda a problemática característica de uma realidade fragmentada e marcada por profundas desigualdades. Cenários desse processo, as metrópoles brasileiras, dentre as quais se destaca Fortaleza, convivem com uma variedade de problemas que vão desde o déficit habitacional à violência urbana (SILVA, 2004). Fortaleza “explode” como metrópole nos anos 1970 e sua fisionomia assume, paulatinamente, os contornos da grande cidade. Mudam suas formas e suas relações. Nos últimos anos, o tema da violência urbana insere-se dentre as principais preocupações de cidadãos e governantes e modifica algumas

práticas cotidianas da cidade, como caminhar pelas ruas ou sentar-se nas calçadas para conversar.

Essas questões são problemáticas e indicam tendências. Além disso, levantam algumas reflexões. Se levarmos em conta, tendo como pressuposto a análise de Simmel, segundo a qual “o homem é uma criatura cuja existência depende das diferenças, isto é, sua mente é estimulada pelas diferenças existentes entre as sensações do momento e as precedentes” (Simmel, In FORTUNA, 2001, p.31-32), a busca de proteção e vigilância distanciam cada vez mais as pessoas e inibem os encontros com a diversidade.

Entre “os pares” a convivência talvez envolva menos riscos, mas pode reduzir as oportunidades, afinal, viver na cidade implica ambigüidade. Ao mesmo tempo em que nos ameaça também nos seduz. A variedade de sensações e experiências vivenciadas no meio urbano - dentre estas o inevitável contato com desconhecidos - nos fala de riscos e perigos eminentes e, ao mesmo tempo, nos encanta. Conviver com a diferença é um risco e uma fonte de enriquecimento, descobertas e possibilidades. De acordo com Balman, “quanto mais tempo permanecemos num meio uniforme [...], maior se torna a probabilidade de desaprendermos a arte de chegar a fórmulas de conciliação e a um *modus convivendi*” (op. cit, p. 42).

Nesse sentido, múltiplas e inquietantes são as experiências suscitadas pela vida na metrópole, o que a torna desafiadora à análise. Pensar as formas de sociabilidade urbanas, em especial aquelas observadas nos espaços marcadamente boêmios, como os bares, pode nos indicar relevantes caminhos de compreensão do viver a cidade, apesar de toda a problemática urbana acima destacada. Se a violência urbana muitas vezes afugenta o cidadão das ruas das cidades, como pensar os espaços de sociabilidade fortemente vinculados à noite e às ruas? Mais que isso, se destacarmos os bares mais antigos da cidade, como se estabelecem neles as redes de sociabilidade capazes de fazê-los permanecer por tanto tempo no cenário urbano, num momento em que a fluidez das relações torna tudo passageiro e obsoleto? O que nos diz a sociabilidade dos bares a respeito das marcações e normas sociais frente à individualidade? Essas são algumas das questões que guiarão o presente artigo de agora em diante.

## Boemia - forma lúdica de sociabilidade

“As ruas e suas calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais” (JACOBS, 2000, p. 29). Jacobs percebia a relevância das ruas e do espaço público para a vida e a segurança das cidades. A vivacidade e variedade de usos e movimentos nas ruas geram um clima de segurança e tranquilidade. Nelas, encontramos conhecidos, vizinhos e nos deparamos também com desconhecidos. A possibilidade da surpresa causada pelo novo, bem como o andar anônimo são elementos constituintes da vida nas ruas. Anonimato tão valoroso ao *flâneur* benjaminiano, pois lhe garantia a liberdade de sumir na multidão, de observar e flunar pelas ruas e não se subjugar às determinações de tempo e espaço.

O espaço público confere sentido ao viver na/a cidade, pois possibilita a interação. Sobre isso Balman destaca que “é nos espaços públicos que a vida urbana, e tudo o que a diferencia de outros tipos de existência colectiva, alcança a sua expressão máxima” (Idem, p.67). E é nos espaços públicos, com todo risco e prazer que comportam, onde se percebem formas de sociabilidade características da boemia<sup>1</sup>, em especial espaços como os bares da cidade, nos quais se pode “jogar conversa fora”, apreciar o burburinho e vozes, conhecer pessoas, ensaiar jogos de sedução ou simplesmente usufruir da solidão de mesas e balcões, dentre outras práticas tão corriqueiras desses espaços.

Simmel (2006), pioneiro nos estudos sobre a sociabilidade, a define como forma lúdica ou pura da sociação, ou seja, o desejo e a satisfação de estar junto, a interação como um fim em si mesmo. Segundo ele,

nada se deve buscar além da satisfação desse instante - quando muito, de sua lembrança. Assim, o processo permanece exclusivamente

---

<sup>1</sup> A boemia é permeada por significados diferenciados de acordo com as práticas, tempos e espaços que lhe dão sentido. Nos dicionários brasileiros, como o Aurélio, relaciona-se à “vida airada, vadiagem, pândega, estroinice” Sua origem, segundo Leitão, remonta à região da Boêmia, atual República Tcheca, na Europa Central, de onde vinham ciganos, denominados pelos franceses de “bohemiens”. Os ciganos apresentavam uma vida considerada peregrina, nômade, incerta, errante e eram festeiros, daí as conexões de sentidos com a boemia (LEITÃO, 2000, p. 55). Darnton (1987) e Bourdieu (1996) falam sobre o universo boêmio nos séculos XVIII e XIX, respectivamente. Neles surge a boemia relacionada à literatura, ao submundo, à marginalia, à vanguarda, aos artistas, a um modo de vida ligado à permissividade, à quebra das convenções. Essas, dentre outras características, passaram então a ser referências para o estilo de vida boêmio, o qual encontra, atualmente, fortes referentes nos bares e seus frequentadores

limitado aos seus portadores, tanto em seus condicionantes quanto em seus efeitos. (op. cit, p. 66)

Logo, a sociabilidade implica sensações e sentimentos gerados na interação. O autor em foco compreende que os interesses individuais guiam as ações e interações, mas o indivíduo não é completamente autônomo, ainda que não seja uma mera vítima das circunstâncias sociais. Na sociabilidade, o jogo e a arte são princípios fundantes. Joga-se como se todos fossem iguais, ora distanciando-se, ora aproximando-se, pois para ele distância e proximidade permeiam as relações humanas. Distância observada na reserva e cortesia com a qual interagimos. Estas nos protegem e nos possibilitam conviver com mais liberdade, sem a prisão das relações pautadas na cerimônia, nem a proximidade sufocante que limita a individualidade<sup>2</sup>.

Como exemplo das formas puras de sociabilidade Simmel (2006) discute a conversa. Nada mais comum e prazeroso do que uma boa conversa. Não aquela cujo tema é o objetivo central, mas a conversa cujo tema é um mero pretexto para o intercâmbio, para a troca de idéias. Essa, certamente, é uma das práticas mais corriqueiras dos bares. Muitas vezes, o encontrar pessoas para uma boa conversa representa o motivo central da ida a esses lugares. Aliás, outro dia ouvimos, em um velho bar da cidade, um diálogo em que os interlocutores discutiam há anos um mesmo tema. E, segundo eles, os desentendimentos freqüentes nada significavam. O importante era a troca de idéias, o “jogar conversa fora”, como mencionamos acima.

Mais que simples estabelecimentos comerciais inseridos no consumo dos espaços, os bares são lugares de convivência e temporalidades diversas. Territórios nos quais a esfera pública torna-se prazenteira. Afinal, apesar de certo ordenamento<sup>3</sup> do ambiente, os bares são delineados por uma peculiar

---

<sup>2</sup> Na metrópole, discute Simmel, o espírito liberta-se das amarras e limitações dos preconceitos das pequenas localidades da vida rural, sedimentadas em sentimentos e sensações, e ganha qualidades intelectualistas, ao mesmo tempo em que permite o desenvolvimento da individualidade, da singularidade de cada indivíduo. Além disso, a economia monetária exerce influências sobre o intelecto, no sentido de protegê-lo do excesso de estímulos que a vida moderna oferece, gerando uma “reserva mental”, menos sensível. Adota-se o que o autor denomina “atitude *blasé*”, ou seja, “incapacidade de reagir a novos estímulos com as energias adequadas” (In FORTUNA, 2001p. cit, p. 35).

<sup>3</sup> Nos bares, ainda que as convenções sociais bailem ao som de outras melodias, outras normatizações são construídas. Cada bar estabelece regras próprias de sociabilidade entre o permitido e aquilo que é interdito. Algumas vezes tais regras assumem conotações de

liberdade em relação a tempos e ocasiões para quem os freqüenta, sem horários de chegada ou saída, sem definir precisamente, no rol de atividades rotineiras, os dias nos quais visitá-los. Relações que lembram, mais uma vez, o *flâneur* de Benjamin, que vagueia ociosamente sem se deter. Ao mesmo tempo em que este se perde na multidão, pode ser observado por todos. Assim se dá nos espaços públicos - uma dialética da proteção que o anonimato provoca e uma exposição a tudo e a todos.

Contudo, se pensarmos no descompromissado *flâneur* benjaminiano, perceberemos atitudes e práticas distintas. Notamos na sociabilidade boêmia certo flunar livre por esses espaços, nos quais se pode chegar sem marcações de horários e dias e mesmo uma despreocupada escolha do lugar. Ao mesmo tempo em que vemos nos bares mais antigos de Fortaleza uma frequência fiel, em dias, lugares e horários estabelecidos. Nesses casos, sabe-se, de antemão, quem se poderá encontrar e os amigos do “bar preferido” não necessitam marcar horário nem dia, pois ir ao bar torna-se uma prática ritualizada. Em alguns bares da cidade existem verdadeiras confrarias, ainda que novos freqüentadores sempre se façam presentes.

Lugares como o Bar do Chaguinha e o Bar do Assis, ambos localizados no bairro Benfica, o Bar do Zé Bezerra, no Parque Araxá, o Pagode da Mocinha, na fronteira entre a Aldeota e a Praia de Iracema, o Bar das Almas, no Antonio Bezerra, o Flórida Bar, entre o Centro e a Praia de Iracema, dentre outros são lugares que resistem ao tempo como territórios nos quais o encontro com amigos(as), a conversa solta e a música improvisada refletem outras formas de sociabilidade e convivência. No Bar do Chaguinha ouvimos outro dia: “aqui no Bar do Chaguinha, depois de determinada hora, até mesmo as mesas e cadeiras cantam”. Lá, os amigos não marcam hora, mas há sempre alguém com violão na mão pronto para entoar velhas e novas melodias.

Nesses bares, o prazer do encontro, da conversa e da bebida, une as pessoas, estabelece amizades. Amizades que muitas vezes ultrapassam a convivência boêmia e seguem pela vida. Outras duram apenas uma noite ou um dia. Independentemente da duração, formam-se teias entre pessoas.

---

intolerância, como a proibição de excessos no gestual amoroso, como ocorre no Bar do Chaguinha, localizado no bairro do Benfica em Fortaleza e que existe há 53 anos, onde seu proprietário expulsa os freqüentadores que ousam descumprir “as normas da casa”.

“Quero te apresentar o amigo de uma amiga minha” ouvi outro dia num bar. Assim, tecem-se vínculos com pessoas e com os próprios bares. Pois, para muitos, estes integram suas trajetórias, seus repertórios de experiências. Lá o “tira-gosto” é tradicional, os garçons sabem os nomes dos freqüentadores e suas bebidas favoritas e são por eles conhecidos. A respeito disso, uma reportagem sobre o Bar do Pedrim, situado na Aldeota, bairro nobre de Fortaleza, é ilustrativa:

“Era a gente que trazia a bebida pra cá. O Pedro vendia fruta e verdura, mas era mais caro que na Ceasa, vendia pouco. Foi aí que fizemos uma cota. Um trouxe 12 copos de cerveja, outro de uísque, alguém veio com uma garrafa de Campari, um freezer...”. Virou bar. O engenheiro civil Marcos Baretta, tem 46 anos e aos 17 já bebia encostado no balcão do Pedrim. “Ele não alardeava, mas sempre teve uma caninha ali”, conta. (Pedro Rodrigues morreu em janeiro de 2005). (O POVO, 19/04/2008).

Outras expressões dos vínculos entre os freqüentadores e os bares são os cardápios. Em alguns dos bares visitados, observamos que os pratos dos cardápios são homenagens aos boêmios e boêmias mais tradicionais, assumem seus nomes. Isso ocorre também com as bebidas. Algumas têm os nomes dos boêmios que “fizeram história” no lugar.

Muitas são as histórias vividas nesses lugares. São como itinerários da vida de quem os freqüenta, para quem há todo o sentido fazer parte dos bares da cidade, ainda que sejam botecos e botequins<sup>4</sup> sem qualquer preocupação com a assepsia e a estética refinada. As histórias dos freqüentadores mesclam-se à trajetória dos bares e de seus proprietários, registradas em fotos e painéis nas paredes. O do Raimundo dos Queijos, bar localizado no Centro de Fortaleza, é ilustrativo dessa sociabilidade. A distinção entre o profano e o sagrado encontra no bar espaço propício para o entendimento das interconexões da boemia e sua sociabilidade com os espaços públicos da

---

<sup>4</sup> O termo botequim, de acordo com o trabalho pioneiro de Silva (1978), insere-se na categoria de “casas de bebida”. Contudo, o autor denomina o estabelecimento nessa categoria em virtude, dentre outros aspectos, da classe social de menor poder aquisitivo. Ao contrário, nos bares e botecos de Fortaleza a diversidade de níveis de renda e escolaridade é a tônica, mesmo com a existência de bares temáticos e outros que se tornam redutos de grupos sociais específicos.

cidade. Durante os dias da semana o Raimundo dos Queijos é tão somente um frigorífico, em cujo balcão encontramos especiarias típicas da terra, como a manteiga da terra, a carne de sol e o queijo de coalho. Contudo, aos domingos outro território se forma na velha calçada e o que era frigorífico transforma-se em bar. Nesse dia, os fiéis freqüentadores reúnem-se, cotizam o “tira-gosto” para todos (mesmo os novos freqüentadores) e se confraternizam ao som de velhos ícones da música brega e do forró, exatamente no dia em que o Centro da cidade praticamente fica esvaziado da correria de pedestres, consumidores e trabalhadores do comércio, e assume ares melancólicos. No espaço de influência do território Raimundo dos Queijos o burburinho da conversa mediada pelo álcool, da música e do movimento da dança dos mais ousados contrasta com um Centro que busca ser pelo poder público objeto de políticas de revitalização.

A música representa um elemento bastante presente na agregação das pessoas nos bares e confere um item relevante na escolha do lugar aonde ir. O estilo musical informa sobre o perfil dos freqüentadores, mesmo que existam os que não se incomodam ou não apreciam a música do ambiente. Em muitos bares, os cantores e músicos são os próprios freqüentadores. Levam seus instrumentos e selecionam repertórios os mais diversos. Nesse caso, não há um valor de mercado ou alguém que toca e canta para ganhar a vida, como é tão comum, mas o improviso e a satisfação de estar junto com amigos, conhecidos e desconhecidos.

Nos bares, podemos perceber, além dos aspectos abordados, certa maleabilidade das normas e convenções sociais. O consumo de bebidas alcoólicas, as músicas e o clima de alegria que se instaura nos lugares destinados ao prazer, promovem padrões menos formais de comportamentos. Lá, as pessoas expõem-se, como discutimos acerca do *flâneur*. Seus gestos são mais livres, seja de mãos e braços, seja mesmo na dança dos mais entusiasmados. Mais livre também as formas e jogos de sedução, nos quais o estado civil conta pouco. Seduzir é um tema recorrente nos olhares e na ousadia de algumas estratégias de aproximação.

Aproximação essa que adquire outras nuances quando algumas pessoas falam de si e de suas vidas. Meses atrás, no Bar do Zé Bezerra - existente há mais de duas décadas no bairro do Parque Araxá - observamos a

conversa no balcão do bar entre dois boêmios, já em elevado estado de embriaguez. Não se conheciam até aquele dia e, no entanto, um confidenciava toda sua vida ao outro. A liberdade de falar com um desconhecido facilita as confidências. Essa prática foi discutida por Simmel na figura do estrangeiro, aquele que está dentro e fora do grupo, ou seja, alguém que não faz parte do grupo original e se agregou posteriormente. O estrangeiro não estaria imbricado em nenhum compromisso anterior e poderia realizar uma leitura mais objetiva das relações do grupo. Representa a proximidade e a distância presentes em todas as relações humanas. Nesse caso, objetividade não significa não-participação, mas “um tipo específico e positivo de participação” (Simmel, In MORAES FILHO, 1983, p. 184). Assim, falar de si, das dores e dos prazeres do dia-a-dia, revela aspectos da sociabilidade desses lugares. Aliás, muitas canções relativas à boemia retratam essas práticas e tomam os bares como espaços propícios para expressar e viver sentimentos.

Os aspectos até aqui abordados não significam tomar os bares como *locus* por excelência da boa arte do convívio, onde não caberiam conflitos ou contradições. Ao contrário, estes são comuns nos bares e tornam-se mais evidentes com o clima de descontração e a liberação proporcionada pela bebida. Algumas vezes os conflitos são velados e as ausências falam por si, tal qual, por exemplo, a predominância masculina em muitos bares da cidade, sobretudo naqueles nos quais se observam a formação de confrarias. Nesses lugares, a presença feminina é ínfima e alguns comportamentos e comentários atestam atitudes que valorizam os espaços e a sociabilidade boêmios como eminentemente masculinos. Parafraseando Simmel (2006, p. 63) “o que é autenticamente social nessa existência é aquele ser com, para e contra” o outro.

As redes de sociabilidade na boemia, ainda que falem de transgressões de práticas, tempos e espaços e contradigam a fluidez e liquidez das quais nos fala Balman (op. Cit), anunciam também diferenciações e formas de distinção social. A boemia dos intelectuais que freqüentam o Raimundo dos Queijos ou o Bar do Alpendre (ainda que não seja a única tipologia de boêmio desses lugares), não é a mesma de botecos do Centro, nos quais o “populacho” diverte-se na saída do tempo de trabalho. Isso não implica dizer que as marcações sociais sejam as mesmas dos dias e espaços comuns de

sociabilidade, apenas que não deixam de se fazer presentes nos bares. Estes se diferenciam pela localização, pelo valor e características das bebidas e estilos musicais, ao tempo em que distinguem seus freqüentadores e as categorias de boêmios.

Em comum esses lugares e a sociabilidade que lhes caracteriza contrapõem-se aos chamados “points” ou “lugares da moda”, às formas de sociabilidade mediadas, tão comuns aos ciberespaços, aos bares onde os vínculos com o lugar são mais raros e mais incomuns as práticas ritualísticas. Os “bares da moda” em Fortaleza duram pouco mais de cinco anos, pois entram no circuito do consumo e da saturação. Enquanto “points” estão quase sempre lotados, são lembrados e divulgados para ser esquecidos tão logo o sentido de novidade feneça.

Ao mesmo tempo não surpreende a presença dos boêmios intelectuais nos bares onde o trabalhador e a prostituta dividem as mesas e bebidas. Mais surpreendente seria a relação inversa, pois nos bares situados em bairros como a Aldeota, como o Bar do Ciço e o Bar do Alpendre, é menos comum ver-se uma tipologia de freqüentador advindo dos bairros mais periféricos ou de setores populares.

### **Derradeiras palavras.**

Iniciamos nossa reflexão com a desafiadora arte da sociabilidade nas cidades contemporâneas, marcadas por incontáveis problemas de todos os matizes, destacadamente o medo e a insegurança que os grandes centros nos causam. Se a cidade surge como a possibilidade de vivências novas, surpreendentes e libertadoras, assume nos dias atuais o cenário de medo do diferente. Eis o complexo contraponto da sociabilidade urbana: medo do desconhecido exatamente no lugar em que vivemos cercados deles. No caso brasileiro, o medo impera sob o véu da violência urbana, dos assaltos, dos roubos, da truculência policial, das agressões físicas e verbais, em cidades partidas por graves desigualdades sociais.

Somam-se a esse medo, as inovadoras práticas e formas de sociabilidade mediadas pelos novos meios de informação e comunicação. A internet e os espaços virtuais, os ciberespaços, promovem maneiras outras de

conhecer pessoas e interagir, sem a mediação dos espaços tradicionais de encontros, tais como bares, cafés, cinemas, shoppings, livrarias. O espaço virtual certamente apresenta seus perigos, mas frente aos índices de violência alardeados na imprensa e nos programas televisivos com foco nas notícias policiais, parecem menores. Além disso, a Lei Seca<sup>5</sup>, recentemente sancionada, limita o consumo de álcool para quem dirige e implica alterações nas práticas boêmias (ao menos para os que se dispõem a cumprir a lei), se considerarmos os hábitos noturnos da boemia e que nossas cidades não resolveram antigos problemas de transporte coletivo. Praticamente não há ônibus nas madrugadas, quando muitos boêmios(as) retornam para suas residências.

Contudo, a sociabilidade dos bares parece resistir ao medo e à tendência ao isolamento. Nos velhos bares, como o Bar do Chaguinha, por exemplo, as relações remetem à idéia de identidade, a um contexto de sociabilidade referenciado por valores como a amizade, a permanência, em oposição à fluidez das relações de que Balman (2007) nos fala. Lá, e outros raros congêneres, o convívio reafirma o prazer do encontro e a possibilidade do estabelecimento de relações de fidelidade entre os freqüentadores e o lugar. Não se trata apenas de um estabelecimento comercial (sem negar que o seja).

Ao mesmo tempo percebem-se novas marcações sociais nas regras que cada bar apresenta aos seus freqüentadores, nas ausências de determinados grupos ou na presença maciça de outros, no estilo de música e no custo das bebidas e “tira-gosto”, nas maneiras de lidar com o álcool, nas gerações diferenciadas, nos atos de fala. Tal qual Roberto da Matta (1990) em sua abordagem sobre os rituais brasileiros, a sociabilidade das práticas boêmias revelam a ritualização da vida social e suas contradições. Os boêmios ritualizam formas de convívio coletivo específicas dos espaços boêmios, dos bares e botequins que contrastam com as convenções sociais. Nos demais espaços e tempos assumem posturas diferenciadas, menos jocosas. Tais

---

<sup>5</sup> Lei 11.705, sancionada em 24/06/2008, que limita o consumo de álcool em duas decigramas de por litro de sangue. O limite legal agora é equivalente a um chope. Além de multa de R\$ 955, a lei prevê a perda do direito de dirigir e a retenção do veículo. (Jornal Folha de São Paulo, 25/06/2008).

práticas poderiam ser compreendidas como um dos espaços de fuga que cada sociedade ao seu tempo constrói; espaços e sociabilidades que contrastam com a rotina de trabalho e obrigações diárias, pois ainda que as marcações não sejam de todo eliminadas, o encontro no bar, a conversa descomprometida, a bebida, a música, o burburinho, permitem momentos nos quais as convenções sociais são minimizadas. Não há que se pensar os momentos de lazer e de trabalho como instâncias da vida social isoladas uma da outra, mas interrelacionadas, contraditórias e ricas de ensinamentos sobre a complexidade da sociabilidade humana, especialmente a que se estabelece nos espaços públicos das cidades.

Nossas reflexões não tencionam compor um quadro estanque de uma boemia que ficou para trás, presa à fidelidade. Porém, compreendemos a relevância de nos debruçarmos sobre algo tão característico da vida urbana como o prazer de um encontro para um papo numa mesa de bar. Num contexto em que, como sugere Balman (op. cit, p. 10) a destruição criativa que a modernidade líquida promove implica a morte de modos de vida significativos para as pessoas que os praticavam, ou praticam, as permanências de determinadas formas de sociabilidade são forças de resistência desses modos de vida.

A sociabilidade boêmia espraia-se pela cidade e pelo tempo com as cores específicas de cada época e dos sujeitos nela envolvidos. Espraia-se, inclusive, ao longo dos dias e noites. Os redutos boêmios diurnos talvez não sejam os mesmos que tem a noite como temporalidade. Dessa forma, a boemia fala sobre uma sociabilidade que se concretiza em locais diversos, com gerações de pessoas distintas e modos variados de ser vivida.

Assim, flunar pelos bares - tal qual a personagem de Benjamin perambulava pelas ruas de Paris, num ritmo tão lento quanto o caminhar das tartarugas - e encontrar conhecidos e estranhos - pode ser uma bela e desafiadora forma de conviver. Pode, fundamentalmente, representar uma maneira de compreendermos algumas das diferenciadas facetas do urbano e suas sociabilidades, marcadas por complexidades que anulam qualquer tentativa de reducionismo. A boemia, ou melhor, as boemias, revelam nuances do viver a cidade, os espaços públicos, o “mundo da rua”, mesmo com os apelos ao confinamento “seguro” em torno do privado, dos lugares vigiados e

“seguros”. Revela ainda as contradições sociais, ainda que sob outros critérios de diferenciação, os quais não suprimem certa maleabilidade das estratificações sociais.

Num contexto de tantas normatizações, proibições e restrições em nome da segurança, conduzindo à sociabilidades assépticas e homogêneas, a possibilidade dos encontros, com todos os riscos e oportunidades que isso possa acarretar, implica sentidos diversos de convívio, de experimentações e formas outras de sociabilidade. Sem isso, corremos outro risco, aquele ao qual Balman se refere: de desaprendermos a conviver com as diferenças e alimentarmos sentimentos de intolerância.

### **Referências Bibliográficas**

BAUMAN, Zygmund. **Confiança e Medo na Cidade**. Lisboa: Relógio D'Água, 2005.

\_\_\_\_\_. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**. Gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CAVENACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica**. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**. Para uma sociologia do dilema brasileiro. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1990.

DARNTON, Robert. **Boemia Literária e Revolução**: o submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**. O dicionário da língua portuguesa. 6ª edição. Curitiba: Posigraf, 2004.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LEITÃO, Juarez. **Sábado, estação de viver**: histórias da boemia cearense. Fortaleza: Editora Premium, 2000.

SILVA, Daniele Costa da. **No sentido do viver, o lutar; na luta, a construção de um lugar**. Bairro Dias Macedo, Fortaleza, Ceará. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: UFC, 2004.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. O significado do Botequim. In: HOGAN, Daniel J. et al. **Cidade: usos & abusos**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

SIMMEL, Georg. A Metrópole a Vida do Espírito. In FORTUNA, Carlos (org). **Cidade, cultura e globalização**. Oeiras: Celta, 2001.

\_\_\_\_\_. O estrangeiro. In MORAES FILHO, Evaristo de. **Georg Simmel. Sociologia** (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. **Questões Fundamentais de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.